

O ENSINO DA RETÓRICA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SOFÍSTICA

Valdo Rosário Sousa¹
Pedro Gontijo²

Resumo:

O presente texto é resultado de uma pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, no núcleo da Universidade Federal de Tocantins sobre o ensino de retórica numa perspectiva sofística na disciplina filosofia no Ensino Médio. Tem por objetivo apresentar parte da investigação feita na pesquisa. Primeiro analisa alguns aspectos relacionados às raízes sofísticas da retórica e suas interações com pensadores de sua época, sobretudo Platão e Aristóteles com as respectivas convergências e divergências. Cita filósofos como Protágoras e Górgias e as respectivas caracterizações sobre a retórica. Na segunda parte apresenta uma discussão sobre a pertinência de se inserir o ensino de retórica no Novo Ensino Médio. Explicita que a preocupação com o desenvolvimento de competências era presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, e na reforma promovida pela Lei nº 13.415/2017. Analisa o texto da Base Nacional Comum Curricular – BNCC onde a argumentação é uma das competências gerais que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da Educação Básica. Comenta também sobre o texto dos Referenciais para Elaboração Itinerários formativos, quanto à valorização de elementos de argumentação nas habilidades previstas para serem desenvolvidas no Ensino Médio.

Palavras-chaves: Filosofia, Ensino Médio, Retórica, Sofistas.

175

THE TEACHING OF RHETORIC ON HIGH SCHOOL THROUGH A SOPHISTIC APPROACH

Abstract:

The present text is the result of a research carried out in the Professional Master in Philosophy - PROF-FILO, at the nucleus of the Federal University of Tocantins on the teaching of rhetoric from a sophistic perspective in the discipline of philosophy in High School. It aims to present part of the investigation done in the research. First, it analyzes some aspects related to the sophistic roots of rhetoric and its interactions with thinkers of its time, especially Plato and Aristoteles with their respective convergences and divergences. He quotes philosophers such as Protagoras and Gorgias and their respective characterizations of rhetoric. In the second part he presents a discussion on the relevance of inserting the teaching of rhetoric in the New High School. It shows that the concern with the development of skills was present in the National Curricular Parameters - PCNs, and in the reform promoted by Law No. 13.415/2017. It analyses the text of the Common National Curricular Base - BNCC where argumentation is one of the general competencies that students are expected to develop throughout Basic Education. It also comments on the text of the Benchmarks for the elaboration of formative itineraries, regarding the valorization of elements of argumentation in the abilities foreseen to be developed in High School.

Keywords: Philosophy, High School, Rhetoric, Sophists.

¹ Professor de Filosofia da Secretaria Estadual de Educação do Pará. Mestre em Filosofia pelo Mestrado Profissionalizante em Filosofia – UFT. E-mail: vrsvaldo@gmail.com.

² Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Colaborador no Mestrado Profissionalizante em Filosofia – UFT. Doutor em Educação pela UNICAMP. E-mail: pedroegontijo@gmail.com.

Introdução

Este artigo trata de problematizar o ensino de filosofia no Ensino Médio. Especificamente, a proposta pedagógica de ensino de retórica no Novo Ensino Médio, a partir de elementos da retórica sofística. Entendemos que a retórica em geral e a sofística, em particular, é potencializadora da aprendizagem filosófica. O objetivo mais específico é argumentar que, ao se criar para os alunos do ensino médio a possibilidade de aprender sobre a retórica, abre-se um campo de aprendizagens, desde uma mais qualificada compreensão da própria filosofia, quanto uma autonomia discursiva sobre diferentes campos textuais e sobre diferentes áreas do conhecimento. Na escola, isso significaria uma perspectiva propedêutica da filosofia a partir dos sofistas, dentro de um processo pedagógico com o intuito de mediar uma interdisciplinaridade com as demais disciplinas.

O presente texto é resultado de uma pesquisa realizada no Mestrado Profissionalizante em Filosofia – PROF-FILO, no núcleo da Universidade Federal do Tocantins – UFT³, onde se buscou efetuar uma intervenção pedagógica voltada para o ensino de elementos de retórica numa escola de Ensino Médio, a fim de avaliar alguns aspectos dessa experiência. Dizemos intervenção pedagógica por se tratar de uma alteração no planejamento regular do ensino de filosofia em algumas turmas da escola campo para introduzir o ensino de elementos de retórica. Nessa pesquisa também se investigou, na tradição filosófica, as raízes das experiências sofísticas com a retórica e suas interações com outros filósofos, assim como a presença de referências ao ensino da retórica em diferentes momentos da história do ensino de filosofia no Brasil.

Na investigação realizada, com as limitações existentes no contexto educacional local⁴ em que a intervenção pedagógica foi desenvolvida, o intuito foi que os alunos criativamente fossem estimulados à construção de um conhecimento sobre a retórica por meio do aprofundamento teórico e atividades práticas. Em que pese resultados iniciais promissores quanto a aprendizagem da retórica e suas percepções iniciais de possíveis repercussões em outras aprendizagens, há uma dificuldade de avaliar mais substancialmente os resultados. O período da intervenção pedagógica foi curto e concluímos que tal

³ Resultou na dissertação: O ENSINO DA RETÓRICA NUMA PERSPECTIVA SOFÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: na E. E. E. Médio Professora Elza Maria Corrêa Dantas, São Domingos do Araguaia/PA. 4ª URE-Marabá-SEDUC/PA.

⁴ A intervenção ocorreu na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Elza Maria Corrêa Dantas em São Domingos dos Araguaia-PA. Foi realizada no segundo semestre de 2019, entres os meses de agosto e novembro.

empreitada tem seus efeitos potencializados na medida em que é devidamente articulada com outros processos dentro do ensino de filosofia mais particularmente e com o conjunto da organização do trabalho pedagógico na escola.

No presente texto pretendemos apresentar primeiramente parte da discussão feita na dissertação, especificamente quanto a origem motivadora da pesquisa centrada na experiência sofística com a retórica e suas interações com outros pensadores. Na segunda parte, em consequência do que analisamos do potencial pedagógico do ensino da retórica, apresentamos alguns elementos das atuais políticas públicas para o Ensino Médio e como elas demandam o que podemos chamar de uma educação para a argumentação. Tal demanda não é específica ou se refere especificamente à retórica, mas entendemos que o ensino da retórica como pensada pelos sofistas pode ser uma das respostas a essa demanda de aprendizagens sobre argumentação.

A retórica a partir da experiência sofística e suas interações com Platão e Aristóteles

Para compreendermos o movimento sofístico, se faz necessário uma compreensão melhor do contexto político, cultural e educacional da Grécia antiga e o apogeu da democracia na Grécia Clássica, entre os séculos V-IV a.C. Na Grécia Antiga e Clássica, foram propostas algumas definições do conceito de retórica. Os mais importantes são dos Sofistas e de Sócrates, Platão e Aristóteles. Com o apogeu das cidades-estados na Grécia, surgiu uma estrutura política governamental, com criação de instituições públicas fundamentadas numa lógica humana, política e jurídica. Nesse contexto, o cidadão precisava ser capaz de ter argumentações lógicas e retóricas, para convencer seu opositor de suas ideias. É nesse contexto que vão surgir os sofistas, para demonstrar que a arte retórica é possível de ser ensinada.

A retórica surgiu como base para a democracia ateniense, até porque onde há democracia há exigência de algo mais que força, para construir hegemonia de algumas ideias e grupos. Ela nasceu como potencialização de um discurso persuasivo; nesse contexto surgiram os grandes debates de ideias entre os sofistas e Sócrates, os primeiros defendendo que a virtude pode ser ensinada, e Sócrates e outros pensadores discordando dessa premissa. Sócrates defendia que o conhecimento segue graus do inferior ao superior (dóxa, crença, raciocínio e intuição intelectual), e os dois primeiros graus fazem parte do mundo sensível, e por isso, devem ser superados pelos dois últimos, que fazem parte do mundo inteligível.

Os sofistas não dividem o conhecimento em graus inferiores e superiores. Para eles, opiniões e crenças criam motivações tanto positivas quanto negativas no indivíduo.

A função da retórica para os sofistas era ensinar o aprendiz a ter a capacidade de argumentação para obter êxito sobre ambos os lados de uma determinada questão. Porque para Protágoras, em todo tópico há dois argumentos contrários entre si. Guthrie (1995, p. 52) cita Górgias para demonstrar que a persuasão, junto com as palavras, formata e direciona as ideias dos homens como quiser. Górgias propõe três situações que comprovam como o ensino dos sofistas surgiu da vida e da filosofia dentro da conjuntura de sua época:

- 1) A ideia dos cientistas de procurar um elemento na *phýsis*, que determina a origem dos demais, como se tivesse um segredo no universo; porém, o que acontece são oposições de opiniões, colocando o incrível e o invisível diante das elucubrações da imaginação;
- 2) As eternas, inevitáveis e controversias e discussões práticas, como nas assembleias e tribunais. Nesses espaços, os discursos que são vencedores nem sempre são aqueles que conseguem alcançar a verdade dos fatos, e sim muitas vezes são organizados de maneira artística e hábil;
- 3) As disputas filosóficas mostraram a maneira rápida dos seus interlocutores, e pode demonstrar suas várias opiniões e crenças referentes a muitos assuntos. Nessa situação, não causa surpresa uma epistemologia no seguinte sentido: minhas opiniões, crenças e verdades servem para mim; como as dos outros servem para eles, e nessa circunstância ninguém pode contradizer a opinião do outrem.

Os sofistas preparavam o cidadão grego para persuadir, por meio da linguagem discursiva da retórica, os adversários nas assembleias na Ágora grega, ou em qualquer outro espaço. Platão e Aristóteles percebem importância da retórica. Entretanto, eles não a consideraram ciência, e para eles ela é inferior à filosofia.

A retórica é a arte de persuadir por meio da linguagem. Platão considerou Górgias de Leontinos o fundador da retórica (séc. V a. C.). No seu diálogo sobre Górgias, Platão (2016), define o caráter da retórica sofística, de sua independência de provas ou de argumentos fundamentados em provas reais. Para ele a retórica sofística, tem como objetivo

persuadir o interlocutor e é desvinculada de conceitos morais e éticos. Esse parece ser um dos pontos de cisão entre os Sofistas e Platão.

Platão [465^a], entretanto, demonstra a importância dos sofistas e de sua retórica. Eles não podem ser condenados porque alguém usa da retórica sofística para ações más. Segundo ele, a retórica pode ser comparada à arte culinária: “^{465d} Bem, com isso ouviste o que julgo ser a retórica, a saber, a contraparte da culinária na alma, atuando nesta como a culinária atua no corpo”. (2016, p. 69). Para Platão, a retórica de Górgias, assim como a culinária, busca satisfazer o paladar do que qualquer tipo de conhecimento. Platão se opõe à retórica sofística como uma pedagogia educacional; que ela seria a arte de conduzir a alma pelo raciocínio tanto nas assembleias, tribunais e também nas discussões particulares. Assim, ela tem como utilidade a condução da alma aonde se quer levar. Segundo Aristóteles (1973, p.162), existem raciocínios e refutações que parecem autênticas, todavia não são.

Aristóteles define que os sofistas usam de elementos capciosos para fundamentar os argumentos falaciosos. Entretanto, o filósofo grego faz uma relação entre a retórica e a dialética desta maneira: “A retórica¹ é a outra face² da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não corresponde a nenhuma ciência em particular”. (ARISTÓTELES, 2012, p. 5). Para Aristóteles, as demais artes, só podem persuadir em torno de si mesmas, enquanto a retórica pode agir como maneira de persuadir a todos os objetos possíveis.

A importância da retórica é descrita por Aristóteles, em uma comparação com a justiça: “Mas a retórica é útil porque a verdade e a justiça são por natureza mais forte que os seus contrários”. (ARISTÓTELES, 2012, p.10). Se não houver uma discussão pautada na retórica, a justiça e a verdade serão vencidas pelos seus contrários. Para ele, o discurso científico é próprio do ensino, já a persuasão é alicerçada em raciocínios para preparar o cidadão para ser capaz de exercer a argumentação persuasiva sobre os contrários. Porque nenhuma das outras artes é capaz de emitir conclusões sobre os contrários, por meio de silogismo, e somente a retórica e a dialética são capazes disso. Nesse contexto, entende-se que a retórica só se desenvolve numa democracia porque é fundamentada na capacidade de desenvolver bem a linguagem no espaço público. Não havendo democracia, a retórica está fadada ao ostracismo.

Para Aristóteles, existem três elementos no contexto de uma interação: o orador, o assunto da discussão e o ouvinte. O discurso é sempre direcionado ao ouvinte. Lembrando que o ouvinte ou é expectador ou juiz. Esse último se pronuncia ou sobre o passado ou sobre

o futuro. Quem delibera numa assembleia é uma ação para o futuro. O juiz julga um fato passado, o expectador julga o talento do orador. “De sorte que é necessário que existam três gêneros de discursos retóricos: o deliberativo, o judicial e o epidíctico.” (ARISTÓTELES, 2012, p. 22).

Uma das qualidades do bom orador é conhecer bem seu auditório (PERELMAN, 1996, p. 22-24) de modo que saiba como influenciá-lo. O conhecimento do seu público é fundamental para conquistar por meio da argumentação. Persuadir é mais do que convencer alguém: “Em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir.” (PERELMAN, 1996, p. 30). O convencimento parte de premissas lógicas e de condições existenciais que a pessoa pode acreditar e aceitá-las. A persuasão não está presa numa universalidade, porque as pessoas são movidas por vários interesses particulares para fazer ou não fazer algo. Um discurso persuasivo que tenha êxito para um determinado auditório pode fracassar num outro.

Cassin (1990, p.118) afirma que a retórica é um “rebento” da dialética. Devido o raciocínio ser uma das três formas de alcançar a persuasão, podemos dizer que retórica é a filha primogênita da dialética. Essa metáfora pode ser entendida na medida em que a dialética significa estudo do raciocínio com premissas endoxais,⁵ fundamentada nos tópicos da mesma maneira que o estudo do raciocínio científico se fundamenta no silogismo: “[...] mas diria que a retórica circunda a dialética, considerando o raciocínio dialético, dedutivo e indutivo apenas sob o aspecto do “persuasivo” e não sob o da demonstração, o que a autoriza a abreviá-lo em entimema e em exemplo”. (CASSIN, 1990, p. 118). Nesse contexto, a retórica e a dialética são semelhantes. Entretanto, elas diferem da ciência, porque ambas têm como princípio chegar aos contrários, isto é, conclusões contrárias, e não a um conhecimento referente a um objeto específico.

Aristóteles demonstra essa extensão universal da retórica e da dialética, desde o sofista descrito por Platão e a sofística descrita por ele. Tanto um como o outro enfatizam a importância da retórica. Aristóteles (2012, p. 11) demonstra que a retórica é útil, que sua função não é necessariamente de persuadir, mas de encontrar meios de persuasão para cada caso, como acontece nas outras artes. Como exemplo, há a função da medicina, que não é

⁵ Endoxa é uma palavra grega que deriva de doxa (opinião). Endoxais é uma crença mais estável do que doxa, porque para os gregos era um discurso que já havia sido testado na discussão na Ágora na polis grega; Aristóteles afirma que a endoxa é a opinião aceita pela maioria: “São, por outro lado, opiniões “geralmente aceitas” aquelas que todo mundo admite, ou a maioria das pessoas, ou filósofos – em outras palavras: todos, ou a maioria, ou os mais notáveis.” (ARISTÓTELES, 1973, p. 11).

fundamentalmente de dar saúde ao paciente, mas encontrar o mais rápido possível o caminho da cura, porque, de acordo Aristóteles, é possível cuidar bem daqueles que não estão em condições de curar uma enfermidade e alcançar a saúde.

Além disso, é evidente que pertencem a esta mesma arte o credível e o que tem aparência de o ser, como são próprios da dialética o silogismo verdadeiro e o silogismo aparente, pois o que faz a sofística não é a capacidade, mas a intenção. Portanto, na retórica, um será retórico por conhecimento e outro por intenção, ao passo que na dialética, um será sofista por intenção e outro dialético não por intenção, mas por capacidade (ARISTÓTELES, 2012, p. 11).

Segundo Cassin, essa citação tornar-se compreensível quando relacionada com o conceito de “aparência”, a partir da afirmação de maneira fenomenológica dos Sofistas de Platão até à Metafísica de Aristóteles. Com isso, apresentando menos problemas entre dialética e a sofística:

Ora, trata-se de mostrar que essa combinação tão importante, aparência-universalidade, não faz, entretanto, da retórica, tampouco da dialética, uma sofística. Contudo, retórica e dialética não diferem da sofística da mesma maneira: é, aliás, por isso que elas são “semelhantes” ou “substituíveis” (em relação à ciência, por exemplo), mas não idêntica. (CASSIN, 1990, p. 119).

A dialética é compreendida como “do raciocínio e do raciocínio aparente”. Esse último define-se como um raciocínio erístico⁶. Um tipo de raciocínio que parte de premissas aparentes e possíveis, limitadas ao raciocínio de aparência endoxais. Aristóteles define que a dialética tem a função de fazer a distinção entre raciocínio aparente, que é a sofística, e a erística.

Assim, a dialética tem a função de separar o fenômeno da aparência endoxal. A sofística também trata do fenômeno, mas, diferente da dialética, não está preocupada em separá-lo do real. Quando comparamos a sofística a partir do ponto de vista da dialética, sintetiza-se a mesma como “intenção”, no seguinte contexto: a intenção de enganar o opositor. Já a dialética caracteriza-se pelo “poder” de encontrar argumentos contrários para

⁶ Segundo Aristóteles, o raciocínio é contencioso ou erístico, que é quando se inicia de opiniões que parecem ser aceitas, entretanto, não o são devido nem toda opinião que parece ser aceita, o é na realidade. Em nenhuma das opiniões que são geralmente aceitas, percebe-se de maneira óbvia a ilusão, assim como nos argumentos contenciosos, onde ficam demonstradas de maneira clara as falácias. Nesse contexto, os argumentos erísticos, de acordo com o primeiro sentido, merecem ser chamados de raciocínios; já os raciocínios erísticos contenciosos parecem raciocinar, mas na prática não os fazem, por isso deve ser evitados. Platão condena o uso da doxa e da crença para alcançar a verdade. Para ele, são inferiores e se limitam ao mundo sensível. Por isso, ela tem que ser superada pelo raciocínio e intuição intelectual, para alcançar o mundo inteligível.

não nos enganarmos. Nesse caso, pode-se tomar um sofista por um dialético. Entretanto, o contrário não é possível.

Aristóteles (2012, p.12) define que a retórica a capacidade de descobrir a maneira adequada de cada caso, com o fim de persuadir. Ele afirma que essa função persuasiva não pertence a nenhuma outra arte, e sim à retórica, porque as demais artes são instrutivas e persuasivas em sua função. De acordo com Aristóteles (2012, p. 13), existem duas provas de persuasão: uma é a retórica, outra não. Ele classifica de inartísticas e artísticas. Inartísticas, as provas que não são produzidas por nós (testemunho, confissões sob tortura, documentos escritos). Artísticas, todas as provas que se podem preparar pelo método e por nós próprios. É necessário utilizar as primeiras, mas inventar as segundas.

As provas artísticas são criadas pela capacidade persuasiva do orador, e que essa persuasão seja acompanhada pelo caráter do mesmo, o orador tem que demonstrar que é de boa fé; assim os ouvintes acreditam bem mais depressa em pessoas consideradas honestas, ou que parecem ser honestas. Esta confiança tem que ser pelo discurso, e não somente fundamentado numa análise prévia sobre o caráter do orador. A persuasão pela disposição dos ouvintes é quando o discurso tem a função de induzi-los a sentir emoções. Devido a isso, o discurso persuasivo, para obter êxito, faz-se necessário que o orador tenha conhecimento dos ouvintes que estão no auditório, para assim entender as particularidades do ambiente. A persuasão pelo discurso se caracteriza quando se mostra a verdade, ou pelo menos o que parece ser verdadeiro, verosímil. Para Aristóteles, esse segundo item é o método da sofística. A terceira espécie de persuasão é a de persuadir pelo discurso, quando se mostra a verdade, ou o que é ser verdadeiro.

São várias as questões que o estudo das raízes gregas da história da retórica nos permite postular, tanto pelos argumentos conhecidos dos próprios sofistas como pelas contraposições e desenvolvimentos na teorização retórica que interlocutores fizeram na Grécia Antiga. A relação entre persuasão e convencimento e entre retórica e dialética são apenas algumas delas. Resta pensar se essas questões interagem com o que se pensa atualmente para a educação básica, especificamente para o Ensino Médio. Importa pensar nos diferentes sentidos que foram atribuídos à aprendizagem da retórica na antiguidade e a vinculação disso com o exercício da cidadania e verificar se isso produz sentido no contexto que vivemos e em nossas escolas. É esse contexto atual que nos propomos analisar a seguir ao vasculhar referências sobre a retórica nos documentos das políticas oficiais para o ensino de filosofia ou para o Ensino Médio.

As políticas educacionais para o Ensino Médio e a demanda pela educação argumentativa

Pelo exposto acima, a partir da perspectiva sofista podemos entender a retórica como a arte de bem dizer as coisas, como arte de convencer ou de persuadir com o modo como usa a comunicação verbal para argumentar. Há a argumentação, mas vai além, pois há a preocupação com a beleza do estilo ou a forma como ocorre a composição da linguagem verbal, como se desenvolve a estratégia de pensamento. A história posterior da retórica ao longo da tradição filosófica e fora dela parece corroborar com nuances diferenciados em diferentes autores esses aspectos apontados acima. Pode-se verificar que em qualquer atividade humana que se requeira habilidades comunicativas, as competências e habilidades de argumentação são imprescindíveis. As políticas educacionais devem, portanto, explicitar iniciativas que promovam as aprendizagens relacionadas a argumentação. A retórica parece poder potencializar essa aprendizagem.

Decorrente da Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional na década de 1990, portanto antes da atual reforma do Ensino Médio, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs destinavam ao ensino de filosofia o desenvolvimento de competências que interagem com as aprendizagens argumentativas e retóricas. Nos grupos de competências ligadas à Investigação e Compreensão e Contextualização sócio-cultural poderíamos afirmar sua interação não explicitada, mas com elementos intrínsecos de argumentação. Todavia, no grupo das competências de Representação e Comunicação encontramos referências diretas em duas competências relacionadas a aprendizagens argumentativa escrita e oral:

- a) “Elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo” (PCN, 1999, p. 60).
- b) “Debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes” (PCN, 1999, p. 61).

Tivemos em fevereiro de 2017 por meio da Lei nº 13.415/2017 uma significativa mudança na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9394/96) no que se refere ao Ensino Médio. Em seguida, o Conselho Nacional de Educação e o Ministério da Educação aprovaram a Base Nacional Comum Curricular – BNCC do Ensino Médio em 2018 e foram publicados os Referenciais Curriculares para a Elaboração dos Itinerários

Formativos para o Ensino Médio - RCEIF. Não faremos aqui a explicitação do conjunto de modificações que tais definições trouxeram para o Ensino Médio, apenas nos deteremos a alguns aspectos que nos permitam argumentar sobre a pertinência do ensino da retórica.

A primeira questão que nos parece relevante é que, mesmo a palavra retórica aparecendo apenas uma vez no documento da BNCC, o documento é permeado da preocupação com a argumentação. A preocupação com a persuasão aparece, por exemplo, quando trata dos discursos políticos e publicitários (MEC, 2018, págs. 504, 510 e 512) ao tratar as competências na área de Linguagens e suas tecnologias. Mas a referência mais significativa refere-se a importância da argumentação. Argumentar aparece como uma das dez competências gerais de toda a Educação Básica:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (MEC, 2018, p.9).

As dez competências previstas na BNCC não podem ser pensadas isoladas, mas sim em interação e integração continuada, dado que o desenvolvimento de outras competências acaba por ter implicações recíprocas com essa específica sobre a argumentação. Em outras competências encontramos expressões como: “utilizar os conhecimentos historicamente construídos...para entender e explicar a realidade”; “investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções”, “utilizar diferentes linguagens[...] para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem a entendimento mútuo”; “exercer a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação”. Estes e outros revelam como as habilidades discursivas são consideradas muito importantes na BNCC.

Uma análise dos Referenciais Curriculares para Elaboração dos Itinerários Formativos nos permite uma semelhante avaliação. No eixo investigação científica aparecem, explicitamente, elementos que são levados em conta na retórica: “...*identificando os diversos pontos de vista e posicionando-se mediante argumentação...*” (RCEIF, 2019, p.11) . No eixo Processos Criativos, destacamos “*selecionar e mobilizar intencionalmente recursos criativos...*” e “...*propor e testar soluções éticas, estéticas, criativas e inovadoras para problemas reais*” (RCEIF, 2019, p.12). No eixo mediação e intervenção sociocultural,

as duas primeiras habilidades de cada área de conhecimento sugerem explicitamente elementos que reforçam potencialidades para o ensino de retórica “*propor e testar estratégias de mediação e intervenção para resolver problemas...*” (RCEIF, 2019, p.13). Por fim, no eixo estruturante do empreendedorismo, temos como habilidades “*avaliar como oportunidades, conhecimentos e recursos[...] podem ser utilizados na concretização de projetos pessoais ou produtivos*” (RCEIF, 2019, p.14), “*selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos...*” e “*desenvolver projetos pessoais ou produtivos...*” (RCEIF, 2019, p.14). Como se pode ver, há demandas para aprimoramento argumentativo nos documentos oficiais sobre o Ensino Médio.

Considerações finais...

Em um contexto contemporâneo de excesso de informação, no qual um dos principais problemas educacionais no Brasil que é o acesso as informações, tem se transformado nas últimas décadas em garantir que as informações possam ser traduzíveis em conhecimentos, a aprendizagem retórica parece ter lugar, como já pudemos ver pelas competências sistematizadas para a educação básica. Podemos repetir hoje, como o era para os sofistas que nenhuma verdade se sustenta por si só ou que somos seres afetados e controlados pela força da linguagem, a qual nos torna seres capazes de iludir a nós e aos outros, por meio da capacidade de emocionar e de persuadir.

Ao longo dos últimos anos, temos entrado em tempos em que se fala com mais ou menos propriedade sobre pós-verdade, notícias falsas, convicções pessoais se sobrepondo a estudos científicos, versões de fatos compartilhadas em “bolhas” de redes sociais se sobrepondo aos fatos mesmos, torna-se importante uma educação que contribua para analisar os recursos argumentativos e persuasivos presentes nos diferentes registros discursivos. Não se pretende abandonar as opiniões pessoais. Os sofistas valorizavam a *dóxa*, não como verdade absoluta, e sim como elemento importante no processo persuasivo.

Mesmo entendendo que a retórica também pode ser entendida como área de conhecimento, ao tratarmos aqui do ensino da retórica a preocupação não é tanto que o estudante de ensino médio saiba distinguir e caracterizar as diferentes abordagens sobre a retórica que se desenvolveram ao longo da história ou saiba mapear as correntes contemporâneas sobre a retórica e a argumentação. Ainda que também isso possa ser interessante desde que existam condições adequadas, entendemos que essas aprendizagens

sejam mais afeitas à formação em nível superior. A opção pela abordagem sofisticada nos parece situar suficientemente para um início de aprendizagens, ou seja, para elementos básicos que permitam aguçar uma interação crítica com os discursos próprios e de outros.

A pesquisa efetuada numa escola de Ensino Médio com o ensino de retórica nos levou a concluir que, talvez, não só o ensino de filosofia, mas toda uma compreensão de educação necessite de mudanças. Que um currículo educacional, por exemplo, mais que quantidade de conteúdos conceituais a serem repassadas aos estudantes, deve provê-los das ferramentas racionais necessárias, ou dito de outra forma, dos conteúdos procedimentais e atitudinais diante da avalanche de informações que recebemos.

Ainda que os documentos educacionais citados não explicitem mais qualificadamente a preocupação com a retórica, o que foi apresentado na primeira parte deste sobre a retórica sofista nos permite postular que uma aprendizagem retórica tem potencialidades educativas. A preocupação sofista, que se relacionava com a experiência de vida na cidade, parece mais atual que nunca, ainda mais em tempos que nos tornamos cidadãos do mundo interagindo com pessoas e informações geradas em diferentes partes do mundo.

Referências

ARISTÓTELES. **Os Argumentos Sofísticos**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

CASSIM, Barbara. **Ensaio Sofísticos**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo, Edições Siciliano, 1990.

GUTHRIE W. K. C. **Os Sofistas**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

MEC. **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica**. PCN: ensino médio e tecnológica. – Brasília/DF: Ministério da Educação, 1999.

_____. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio**. Brasília: 2018.

_____. **Referenciais Curriculares para Elaboração de Itinerários Formativos**. Brasília: 2019.

PERELMAN, Chaïm. **Tratado da Argumentação**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLATÃO **Diálogos I, (Protágoras)**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2007.

_____. **Diálogos II, (Górgias)**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.